MITO E RITO NA INDÚSTRIA CULTURAL: A IDEOLOGIA NOS LABIRINTOS DA LINGUAGEM

MYTH AND RITE IN THE CULTURE INDUSTRY: IDEOLOGY IN THE MAZES OF LANGUAGE

Bruno Baldessarelli *
Márcio Rimet Nobre **

RESUMO

Para Adorno e Horkheimer o principal fator que permitiu o avanço do capitalismo como modelo de mercado foi o advento da indústria cultural a partir do incremento das tecnologias de comunicação. Tal processo facilitou a massificação da cultura e a intensificação do que identificaram como racionalidade instrumental. O ensaio pretende refletir sobre como a indústria cultural favorece a consolidação de uma cultura administrada ideologicamente com base em inversões do entendimento da realidade, por meio dos aparatos de entretenimento, informação e marketing. A análise terá como ferramentas a filosofia da linguagem de Wittgenstein e, no campo da psicanálise, as teorias de Lacan sobre o simbólico e o imaginário, com recurso à linguagem e fantasia, categorias subjetivas tomadas como meios de acesso ao sujeito. Sinalizamos que, ao se utilizar das figuras gramaticais da metáfora e da metonímia, relacionadas respectivamente às categorias mito e rito, esta operação contribui, via inconsciente, para a elevação do discurso científico-tecnológico ao patamar de uma fantasia ideológica. A construção do véu ideológico inverte o próprio uso da razão, tornada instrumental, forjando um mito de esclarecimento que impede o livre pensar no sentido da emancipação do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica; Ideologia; Linguagem; Fantasia; Ciência; Tecnologia

* Bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA; email: bruno_bal@yahoo.com.br

** Psicólogo pela Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ; especialista em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MG; autor do livro *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantástica do ciberespaço*; email: marcionobre205@hotmail.com

ABSTRACT

According to Adorno and Horkheimer the main point that enabled the advance of capitalism as a market model was the advent of the cultural industry, started from the increase in communication technology. This process helped the strength of mass culture and the intensification of what they identified as instrumental rationality. The current essay aims to study how the cultural industry favors the consolidation of a given culture ideologically administrated with reversal of the understanding of reality through entertainment devices, information and marketing. Our analysis will be supported by the philosophy language from Wittgenstein and, in the field of psychoanalysis, by the theories of Lacan about the symbolic and the imaginary, by using the language and fantasy as subjective categories considered as means of access to the subject. Through grammatical figures of metaphor and metonymy, respectively related to myth and ritual categories, we point that this operation contributes, via unconscious, to the raising of the scientific and technological discourse to the level of an ideological fantasy. The construction of the ideological veil inverts the use of reason itself, which became instrumental rationality, by forging a myth of Enlightenment, which prevents free thinking towards human emancipation.

KEYWORD: Critical Theory; Ideology; Language; Fantasy; Science; Technology

1. INTRODUÇÃO

A partir do pós-Guerra, com o advento do capitalismo tardio³, observou-se o surgimento de uma nova forma de comunicação, que veio revolucionar completamente o modo de acesso ao mundo: as mídias sociais. Ao se perguntarem sobre os efeitos dessas mídias na cultura, Adorno e Horkheimer vão apontar para um problema, então emergente, que se refere ao fato desse novo aparato ter se tornado um meio de controle da informação ao longo do século XX. Em sua leitura, este processo inaugurou e universalizou determinado modo de percepção da realidade, favorecendo a ordenação da cultura que, de

³A expressão parece ter sido empregada pela primeira vez em 1902, por Werner Sombart, em *Der Moderne Kapitalismus*, obra na qual distinguia três fases do capitalismo: o capitalismo primitivo, o auge do capitalismo e o capitalismo tardio. Posteriormente a diferentes usos, Adorno preferia esta expressão à sociedade industrial, que foi tema do 16º Congresso dos Sociólogos Alemães, em 1968.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_tardio

forma administrada, ocasionou o que os autores vão assinalar como o surgimento da indústria cultural.

Pensando a aplicabilidade deste conceito aos tempos atuais, buscaremos problematizar as novas funções ideológicas na midiática de determinados discursos. A inversão do discurso científico-tecnológico em mito está fundada naquilo que Horkheimer (2002) irá denominar racionalidade instrumental, pensando uma concepção de racionalidade reduzida à técnica e favorecendo a inscrição dos sujeitos no discurso ideológico.

Inicialmente, para demonstrar esta relação, apoiar-nos-emos na tradição da escola de Frankfurt para discutir o conceito de indústria cultural. Buscaremos elucidar que, por meio da indústria cultural, desenvolveu-se um modo próprio do indivíduo estruturar a realidade e agir sobre ela. Um modo capitalista de pensar, que agencia mudanças nas estruturas da linguagem e do entendimento por meios auxiliares de promoção ideológica – aparatos como rádio, cinema, televisão, música e publicidade – que, por sua vez, foram responsáveis pela solidificação de novas configurações culturais (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

Na segunda parte, refletiremos sobre o conceito de ideologia à luz das teorias da linguagem, em Wittgenstein, e do simbólico e do imaginário, em Lacan, no intuito de compreender linguagem e fantasia como vias de acesso ao sujeito. Tais conceitos tornam-se essenciais para a abordagem da complexidade desse acesso e apontam para a importância de se superar as ilusões do caráter ficcional da palavra como meio de compreensão do mundo e do sujeito, antes de se dirigir o olhar para o problema da ideologia. Este posicionamento é corroborado pelo de Žižek (1996), que defende que a crítica à ideologia deve ser pensada a partir de um lugar mais próximo possível do vazio, sem ceder a entendimentos que tomem a realidade como positivamente determinada.

A partir destas distinções conceituais buscaremos explicitar, em uma terceira parte, um dos atos ideológicos que consideramos dos mais significativos por parte da indústria cultural: a utilização dos artifícios do mito e do rito pela engrenagem midiática, na hipervalorização do discurso científico-tecnológico. Nesta esteira, tal discurso visa difundir um modelo de racionalidade limitado ao saber técnico, ideia que Horkheimer vai identificar como racionalidade instrumental. Este modelo terá como efeito o inverso de um eventual

uso emancipatório da razão, isto é, a limitação das capacidades de seu uso direto sobre a realidade e uma recusa no reconhecimento das demais dimensões da sensibilidade humana.

2. A IDEOLOGIA E A EMERGÊNCIA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Apesar de suas referências remontarem à Antiguidade, o conceito de ideologia já aparece delimitado em Napoleão Bonaparte com a aceção que será adotada por Marx e Engels, para a formulação de sua teoria (CHAUÍ, 1980). Assim, no clássico *A ideologia alemã* (1946), os autores chamam atenção para este fenômeno, identificando-o em seu tempo e descrevendo-o como a inversão da relação entre as ideias e o real. Neste caso, a ideologia vem a se revestir de uma intencionalidade: a de esconder dos homens a realidade. Esta inversão é utilizada estrategicamente pelo estado capitalista para obstaculizar a possibilidade do indivíduo de refletir sobre as relações sociais de dominação econômica e política às quais está submetido (MARX; ENGELS, 2002). É a este ocultamento intencional da realidade que Marx e Engels denominam ideologia.

Os meios retóricos usados pelo estado capitalista para legitimar as condições de exploração e fazer com que pareçam verdadeiras e justas possibilitam o surgimento e a manutenção de condições para que as relações sociais desiguais se perpetuem. Tais meios garantem à ideologia uma força quase impossível de ser superada, exatamente por fazer com que as evidências da dominação sejam justamente aquilo a que ela tem por finalidade ocultar.

Para Marx e Engels, um dos mecanismos típicos da ideologia burguesa tem relação com a produção de intelectuais, sendo estes responsáveis pela geração de ideias que visam perpetuar a alienação. Tais ideias devem fazer com que os homens criem, por exemplo, que são desiguais por natureza ou pelas condições sociais, mas que são iguais perante a lei e perante o Estado, escondendo que a lei foi elaborada pela classe dominante e que o Estado é o próprio instrumento para garantir que a divisão social permaneça (MARX; ENGELS, 2002).

Após a Segunda Guerra Mundial e sob aceleração do processo de industrialização numa escala jamais vista, o mundo passou por diversas transformações que modificaram radicalmente a organização da vida social, econômica, política e cultural. Inaugurou-se um novo modelo de capitalismo que, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985), vai ter seu triunfo amparado principalmente pelo advento, dentro desse arcabouço de inovações, de novos aparatos tecnológicos e meios de propaganda ideológica que auxiliaram a solidificar, na sociedade, uma cultura administrada e condizente com a manutenção do *status quo*.

Os autores vão atribuir o sucesso do capitalismo à operação de uma mudança substancial nos fundamentos culturais que caracterizavam a sociedade. Tais fundamentos deverão ser compreendidos, desde então, sob a égide de uma indústria cultural, cuja ação caracteriza-se pelo incremento na criação de novos aparelhos de comunicação, como a televisão – síntese do rádio e do cinema –, destinados a cumprir funções ideológicas e preencher a lacuna que ainda restava junto à experiência privada. Desse modo, a estrutura ideológica do capitalismo conseguiria cercar e capturar a consciência dos indivíduos por todos os lados (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Como pontua Adorno, em seu texto *Televisão, consciência e indústria cultural*:

Assim como mal podemos dar um passo fora do trabalho sem tropeçar em alguma manifestação da indústria cultural, os seus veículos se articulam de tal forma que não há espaço entre eles para que qualquer reflexão possa tomar ar e perceber que seu mundo não é o mundo. (ADORNO, 1987, p.346-347)

Na visão de Adorno e Horkheimer (1985), meios de comunicação como a televisão não devem ser tomados simplesmente como aparelhos com fins comerciais e econômicos, mas sim como instrumentos que auxiliam na construção de determinada percepção do mundo. Tal percepção destina-se a oferecer a todos certas imagens e sons harmonizados entre si e relacionados com as necessidades do capitalismo, visando manter a totalidade do sistema e reforçar certas formas de consciência. Assim, a cultura tenderia a homogeneizar-se, eliminando o incômodo da diferença e facilitando o processo de dominação.

(...) a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço. Os decorativos prédios

administrativos e os centros de exposição industriais mal se distinguem nos países autoritários e nos demais países. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.99)

Para os autores, é por meio dessa indústria que o capitalismo conseguiu desenvolver nos indivíduos uma forma particular de estruturar a percepção da realidade e de interagir com ela. Na consolidação desse novo modo de pensar, o capitalismo utiliza-se de uma estrutura inconsciente que transcende os limites lógicos de um modelo de mercado e invade todas as esferas da vida social. Nesse sentido, passa a funcionar como um regulador básico, tanto das relações pessoais, emocionais e sexuais, quanto das dimensões artística, cultural, científica, educacional e esportiva. Tudo passa a ser organizado segundo a ideologia capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Conforme Franco (2008), no artigo *Televisão, consciência e indústria cultural*, Adorno revela que, na indústria cultural, há uma produção planejada que visa satisfazer o indivíduo abatido por suas frustrações e seu esgotamento, devido ao trágico processo de trabalho. Neste caso, observa-se uma clara orientação no sentido de transformar a negatividade da experiência cotidiana pela produção de formas de entretenimentos (novelas, filmes, romances, livros de ficção, revistas em quadrinhos e músicas) e de informativos (jornais, noticiários e reportagens), que, ao mesmo tempo em que distraem e revigoram o trabalhador, reforçam a lógica dominante, alienando-o. Tal arcabouço tem como objetivo dar certa interpretação da realidade e reforçar uma determinada imagem do mundo, razão que nos possibilita, embasados no pensamento de Adorno e Horkheimer, considerar a televisão como aparelho ideológico por excelência.

Como lembra Bourdieu, na televisão está sempre presente um tipo de censura invisível. Esta censura constitui-se de processos de seleção e de produção da informação determinados por aqueles que detêm os meios para tanto e que, ao manipulá-los, transformam-na em elemento de controle ideológico, social, político e econômico. Assim, opera-se constantemente com a torção da realidade, exercendo-se censuras de toda sorte, que “fazem da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica.” (BOURDIEU, 1997, p.20).

Na contemporaneidade, com o incremento e disseminação doméstica das tecnologias digitais da informação por meio do computador pessoal e da Internet, cada vez mais a via de acesso ao indivíduo tornou-se impregnada por mecanismos sofisticados de

marketing e propaganda, ampliando-se consideravelmente o raio de ação ideológico. Com o passar dos anos, os mecanismos de docilização evoluíram de tal modo que se tornaram mais implícitos e invisíveis, atuando em nível inconsciente, por meio da linguagem e, com recurso à fantasia, concorrendo para a formação do que Zizek denomina fantasia ideológica (1996), operação que trataremos a seguir.

3. A IDEOLOGIA NOS LABIRINTOS DA LINGUAGEM

Conforme destaca Benhabib (1996), Adorno, em sua obra *Dialética negativa*, considera um equívoco a concepção marxista da linguagem como possibilidade de acesso ao objeto, posição que deveria ser compreendida como crença num caminho direto para a realidade a ser alcançada.

O discurso da negatividade rejeita precisamente o que Marx ainda era capaz de pressupor: que o discernimento da necessidade do que é também levaria a uma compreensão do que poderia ser, e que o que poderia ser era algo porque valia a pena lutar. A dialética negativa, em contraste, nega que haja uma lógica emancipatória que seja imanente ao real. A negatividade, a não-identidade e a desmistificação da paixão com que o pensamento luta pela identidade não garantem nenhum efeito emancipatório. (BENHABIB, 1996, p.85)

Neste caso, observamos uma percepção rígida de Marx sobre a relação entre linguagem e realidade, postura que o teria conduzido no caminho do conhecimento especulativo, favorecendo sua proposição de verdades emancipatórias.

Para evitar este problema, ao conceber a dialética negativa, Adorno vai afirmar a superfluidade daquilo que é. Para o autor, é da própria natureza do objeto desafiar seu conceito, sempre fadado ao fracasso em sua busca de atingir a essência (BENHABIB, 1996, p.85). Com este postulado, visa ressaltar que, de fato, o “eu” é incapaz de estabelecer contato com o exterior sem que este exterior se revele apenas como projeção de seu reflexo, tornando a tarefa fundamental da dialética negativa o exercício de uma perpétua contestação do real nos moldes de uma crítica imanente que denuncie a superfluidade do conceito.

Portanto, se considerarmos a crítica de Adorno, a concepção de ideologia em Marx apresenta uma falha que a posiciona aquém de uma leitura que nos possibilite compreender o papel da linguagem em seu aporte à realidade. A nosso ver, na descrição de Marx e Engels, faltaria uma problematização fundamental que se referisse ao seguinte questionamento: como conceber um modo de acesso à realidade que não esteja, de saída, distorcido por algum dispositivo discursivo, independentemente da inversão ideológica?

Situando-se na direção deste mesmo questionamento, Žižek defende que, nesta reflexão, é preciso se interrogar sobre os terrenos nos quais se destacam o ideológico e o extra-ideológico, este último sendo definido pelo autor como o lugar mais próximo do vazio e favorecedor de uma crítica imanente, com reais condições de permitir uma visualização dos conteúdos ideológicos (ŽIZEK, 1996).

Buscando elucidar a questão que se coloca em redor da lacuna na linguagem recorreremos a autores que, ao se debruçaram sobre este conceito, auxiliam-nos nesta problemática. Neste sentido, privilegiaremos as contribuições de Wittgenstein, advindas do campo da filosofia da linguagem, bem como as de Lacan, provenientes do âmbito da psicanálise, ainda que tais autores não abordem a relação entre linguagem e realidade na perspectiva de classe.

Uma das afirmações de Wittgenstein evidencia de modo substancial a cisão entre linguagem e realidade: “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1968, p.111). A partir desta premissa, a linguagem não apenas deixa de estar identificada ao mundo do sujeito, mas, antes, limita-o. Posteriormente, no que se convencionou denominar *segundo Wittgenstein*, esta ideia se torna ainda mais radical quando o autor chega a afirmar como ilusória a própria noção de se poder abordar a realidade pela linguagem (WITTGENSTEIN, 1994).

Dentro desta concepção, no campo dos signos estaríamos sempre no terreno do engano, acreditando que aquilo que pensamos como o real se projetaria de fato sobre o real. Acreditamos, movidos por este equívoco, que a linguagem corresponda ao mundo, sem supor que pensamento e realidade sejam coisas distintas. Para o autor, portanto, pareceria ingênua a própria ideia de se considerar que todos falamos uma mesma linguagem, dentro de uma mesma gramática.

Há aqui um primeiro passo fundamental para a distinção entre linguagem e realidade, que se traduz em perceber que, antes de partirmos para a interpretação de algo por meio da palavra, tomando o signo pelo significado, seria necessário despirmo-nos das roupas conceituais da linguagem, que tendem a tornar tudo igual (WITTGENSTEIN, 1994).

Somente por meio da análise dos signos e das mensagens, evitando vê-los da forma habitual, ou seja, no seu sentido gramatical meramente descritivo, seria possível superarmos o engano concernente ao uso ingênuo dos signos. Esta atitude nos permitiria entender a defasagem da linguagem no alcance da realidade, sendo parte da regra o fato de ser limitada.

Para Wittgenstein, apenas a partir desta tomada de consciência poderíamos adquirir uma nova visão de gramática, experimentando uma percepção panorâmica que permitiria ver as conexões e jogos do sujeito com a linguagem, dando às mesmas palavras sentidos diversos:

Uma fonte principal de nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. Falta caráter panorâmico a nossa gramática. A representação panorâmica permite a compreensão, que consiste justamente em “ver as conexões”. Daí a importância de encontrar e inventar articulações intermediárias. O conceito de representação panorâmica é para nós de importância fundamental. Designa nossa forma de representação, o modo pelo qual vemos as coisas. (WITTGENSTEIN, 1994, p.122)

Com isto, o autor realiza uma constatação crucial para a compreensão da linguagem, sinalizando que, a rigor, a palavra recebe vida no seu uso, sendo esta possibilidade de usos distintos de uma mesma palavra o que denomina jogo de linguagem. Com a perda de sentido universal, passível da categorização gramatical, a palavra passaria a ser seu uso na linguagem: “Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? No uso ele vive.” (WITTGENSTEIN, 1994, p.129).

Na linguagem, as regras que se aplicam num jogo não se aplicam em outro. As regras do xadrez não são definidas pela sua história, mas são inflexíveis, enquanto, na linguagem, o que se aprende no jogo anterior altera as regras do próximo. Verifica-se uma constante criação de novos jogos lingüísticos que, uma vez aprendidos, permanecem conservados na memória, podendo vir sempre a ser repetidos, reeducando nossa forma de

utilizar a linguagem. Wittgenstein (1994) chama a atenção para a importância de a compreendermos como um conjunto de jogos de linguagem, nos quais o significado da palavra é inerente ao seu uso, sendo este uso determinado por regras específicas em cada jogo, algo que funcionaria como um adestramento do indivíduo.

O autor passa, portanto, a compreender a linguagem como um conjunto de códigos e signos que estará relacionado apenas com cada contexto singular em que sejam empregados. Na medida em que deixe de se identificar com a realidade, a linguagem torna-se o meio pelo qual damos sentido às coisas do mundo, sem que este sentido possa ser fixado em definições. Desse modo, o que se entende por realidade numa determinada cultura será reflexo de seus jogos de linguagem que, de modo ilusório, forjam o entendimento do que esta cultura toma como tal.

Esta ideia de linguagem como não definidora do mundo provoca uma mudança no entendimento, de forma que o ato de nomear deixa de ser compreendido na perspectiva da definição da *realidade das coisas*, passando tão somente a representar *coisas-para-o-homem*. Por exemplo, um mesmo signo, como “rio”, pode ter diferentes significados para diferentes sujeitos e culturas. Assim, para um investidor, o rio poderá representar uma fonte de lucro; para um pescador, seu modo de sobrevivência; para um indígena, a morada dos deuses. Enquanto signo, o rio passa, conseqüentemente, a estar sempre relativizado ao sentido de uso que lhe foi atribuído, evidenciando que as coisas que nomeamos tratam sempre de um campo significativo.

A partir de tais constatações, fica evidente a importância fundamental de se evitar tomar as ilusões criadas pela linguagem em lugar da realidade e rejeitar o entendimento do real como algo tangível, o que levaria o homem a cair nas “armadilhas da linguagem”, esta “imensa rede de trilhas falsas” identificada por Wittgenstein (HACKER, 2000, p.17). Seguindo esta trilha de Wittgenstein, consideramos os efeitos da ação da indústria cultural no intervalo linguagem/realidade, o que nos possibilita apontar para uma condição hegemônica do uso lingüístico como jogo de domínio.

Numa perspectiva até certo ponto paralela à discussão proposta por Wittgenstein, Lacan toma a linguagem como expressão maior da ordem simbólica. No centro da teoria lacaniana encontra-se a noção de cisão psíquica inaugurada por Freud que, em Lacan, passa a ser concebida a partir de três registros: o real, o simbólico e o imaginário.

Por real, Lacan denomina o impossível, o inominável, isto é, algo que escapa a qualquer possibilidade de simbolização. Expulso da realidade a partir da inserção do sujeito na linguagem, o real somente poderia ser definido – mas nunca diretamente abordado – e em relação ao simbólico e ao imaginário. De saída, a noção de real pressupõe, portanto, certo antagonismo à de realidade, esta sim ordenada a partir de uma captura simbólica e imaginária.

O autor compreende a centralidade do papel do simbólico na própria constituição do sujeito que, imerso na linguagem, encontrar-se-ia, ele próprio, alienado ao discurso do Outro, tesouro de significantes que o precede. Assim, compreendemos que seja insuficiente apontar a distinção entre realidade e linguagem apenas considerando a última como limitadora da primeira, foco da problematização de Wittgenstein.

Ao propor seu famoso retorno a Freud, Lacan parte da sua premissa básica, extraída da sua leitura de Ferdinand de Saussure, de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (1985, p.193). Na medida em que o sujeito emerge por meio do acesso ao simbólico, sendo atravessado na linguagem pelo inconsciente, ele próprio deve ser entendido como estruturado por ela. Nesse caso, a linguagem passa a ser compreendida a um só tempo como limite e condição de possibilidade para o sujeito, que somente alcança esse estatuto por meio de um assujeitamento ao próprio registro do simbólico, que lhe dá consistência.

A discussão em Lacan não mais restringe o problema da linguagem à relação do homem com a nomeação da realidade, mas se caracteriza por uma teoria que compreende sua importância na organização do próprio mundo subjetivo por meio do acesso aos elementos da cultura. Ao definir o simbólico como estruturante do sujeito, Lacan demonstra que este já nasce inserido num universo discursivo que o precede na forma de uma rede.

Assim, a partir do imaginário parental, ganha curso o preparo de seu lugar na dinâmica familiar por meio do discurso dos pais sobre como será aquela criança para a qual escolhem determinado nome, dando início à sua inscrição na rede simbólica. A atribuição de significantes pelos pais dá o pontapé inicial para que o bebê se identifique primeiramente com seu nome próprio e, posteriormente, com todo um conjunto de mensagens e expectativas formuladas sobre si, vindas do campo do Outro. Assim, antes de

nascer, o sujeito já está atravessado pelo Outro da linguagem, que lhe garante a estrutura para seu universo simbólico:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo, onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão. (LACAN, 1985, p.193-194)

Para Lacan, é importante lembrar, não há um verdadeiro *self* ou uma essência humana, a menos que, a rigor, compreendêssemos essa essência como um buraco, uma falta. É a esta falta constitucional que o simbólico, por meio da linguagem, vem recobrir, ainda que parcialmente. Há uma relação da palavra com o inconsciente que, em Lacan, resulta de uma operação simbólica, logo, lingüística.

Portanto, se para Wittgenstein os jogos de linguagem compõem a percepção da realidade, para Lacan, mais do que isto, ela engendra o próprio ser, na medida em que dela emerge o sujeito.

A partir desta rápida imersão nas teorias de ambos os autores sobre a complexa relação entre linguagem e realidade, constatamos que o alcance da ação ideológica torna-a ainda mais complexa do que havia considerado Marx ao cunhar o conceito como inversão da relação entre as ideias e o real. Ao tomarmos consciência de que existe uma natural separação entre realidade e linguagem, evidencia-se que, na verdade, a ação da ideologia não constitui mera tapeação da primeira, mas, pelo contrário, exerce seu efeito sobre os sujeitos justamente pela existência desta abertura entre as palavras e as coisas. Esta distância abre caminho para a influência ideológica, que sofisticada a produção de percepções dadas coisas do mundo.

É justamente a impossibilidade de nomeação da realidade que garante à ideologia a consolidação de sua versão dela. A ideologia aproveita-se da instabilidade inerente ao processo de compreensão do mundo pelo sujeito para criar novas significações, garantindo a impressão de maior solidez para o que se passa a entender por realidade. Por meio da indústria cultural, como vimos em Adorno e Horkheimer, as mesmas idéias e conceitos adquirem um maior alcance, o que contribui para o reforço de uma visão de mundo universalizada e a edificação de novas definições emparelhadas com a ideologia, visão que, conseqüentemente, acarreta novas formas de cultura: “Cada filme é um *trailer* do filme

seguinte, que promete reunir mais uma vez sob o mesmo sol exótico o mesmo par de heróis (...)” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.135).

Com o que foi visto até aqui, podemos compreender, portanto, que a perspicácia da indústria cultural não está em ocultar dos sujeitos a realidade, mas em desenvolver determinados formas de defini-la de modo cada vez mais enganoso e que obstaculiza justamente a crítica sobre ela, oferecendo por meio de seus produtos de entretenimento uma visão do mundo que aliena o sujeito desta crítica, impedindo a emancipação do pensar.

Com isto, podemos intuir que o problema da ideologia se insere ainda numa nova dimensão, ou seja, aquela do problema de que há, da parte do sujeito, uma demanda de significação. Na base do hiato entre linguagem/realidade encontra-se uma inconsistência cujo efeito é disparar, nos sujeitos, a busca de meios para ordenar a realidade e nomear-se frente a ela. Como vimos em Lacan, o real é aquilo que não se pode nomear, escapando, portanto, à linguagem. Isto não significa que o sujeito não possa pretendê-lo. De fato, é esta mesma falta que põe em causa o desejo inconsciente, mola do sujeito em direção à realidade. Importa que, ao reconhecer este furo da ordem do inominável e do intangível, a ideologia utiliza-o a seu favor. Assim, busca preencher esta incômoda lacuna subjetiva e causar, ao indivíduo, um alívio por meio de um:

(...) certo pseudo-realismo que, sob o aspecto da exterioridade proporciona uma imagem permanentemente exata e fiel da realidade empírica. (...) Para resumir numa só frase a tendência inata da ideologia da cultura de massa, seria necessário representá-la numa paródia da frase: “Converte-te naquilo que és”, como duplicação e super-ratificação da situação já existente, o que destruiria toda a perspectiva de transcendência e de crítica. (ADORNO; HORKHEIMER, 1978, p.202)

Na perspectiva do imaginário, em sua função de amortecer o impacto direto com a realidade, a fantasia surge oferecendo novas ferramentas ao sujeito (NOBRE, 2014). Nesta direção, a ideologia encontra fácil acolhimento no registro do imaginário, registro do engodo, campo da alienação por excelência, conforme Lacan (ZIMERMAN, 2008, p.209). A indústria cultural, portanto, triunfa não simplesmente por enganar os sujeitos, mas por lhes oferecer estímulos que, aos poucos, passam a se tornar necessários, o que nos auxilia no entendimento da adesão positiva à ideologia.

Nesta trilha, ao oferecer novos meios de significação para a realidade, a ideologia avança ainda mais sorradeira, moldando-se na forma de uma fantasia ideológica, conceito

pelo qual Žizek (1992) se refere à própria ideologia. O autor constata que o grande truque do capitalismo foi tomá-la como um modo de tapar o vazio do sujeito com relação à nomeação de si e da realidade, ao utilizar-se da fantasia como um meio de acesso direto ao psiquismo.

Para melhor situarmo-nos no âmbito conceitual da fantasia, precisamos recorrer à expressão realidade psíquica, que aparece nos primeiros escritos de Freud, sempre atrelada aos processos primários, portanto concernente ao inconsciente. Na definição de Laplanche e Pontalis, a realidade psíquica “trata-se fundamentalmente do desejo inconsciente e das fantasias conexas” (1996, p.426). No tocante à relação do sujeito com a realidade, em *A interpretação dos sonhos* (1900) Freud já se preocupa em delimitar esta relação:

Se olharmos para os desejos inconscientes, reduzidos a sua expressão mais fundamental e verdadeira, teremos de concluir, sem dúvida, que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material. (FREUD, 1996, v.5, p.644)

Desse modo, tendo em seu cerne o desejo e a fantasia, elementos garantidores da consistência subjetiva, a realidade psíquica parece constituir-se como um plano autônomo de realidade. Entretanto, este plano, que pressupõe a existência de um nível não compartilhável na compreensão da realidade, conserva como uma de suas características enorme capacidade plástica, favorecedora do entendimento social: “Mas essa capacidade possibilitaria ao sujeito lançar mão de diferentes dimensões do pensamento imagético ou proposicional, permitindo maior margem de entendimento entre os homens na linguagem” (NOBRE, 2010, p.58).

Neste sentido, compreendemos a pertinência do ponto de vista de Žizek ao defender a existência no capitalismo avançado de um nível ideológico que se estrutura a partir do recurso à dimensão fantasística subjetiva e que, fazendo uso da linguagem, produz novas versões da realidade, indo na direção do desejo inconsciente (ŽIZEK; DALY, 2006). Nessa representação falsa da realidade, o sujeito encontra um escape contra a angústia desencadeada pelo vazio constitucional, ficando o verdadeiro estado de coisas mascarado pela fantasia. Assim, a noção de fantasia ideológica proposta por Žizek destina-se a inscrever o próprio coletivo num mesmo mundo fantasístico.

No cruzamento entre a realidade psíquica e fantasia ideológica, a ideologia exerce sua influência, vindo a complementar o ato de significação da realidade. Ambas funcionam como meio de evitação do vazio, com a diferença de que a segunda tem fins precisamente ideológicos (ZIZEK; DALY, 2006).

Assim, o problema da travessia da ideologia torna-se evidentemente mais complexo do que a mera demonstração do hiato entre linguagem e realidade, pois exige que nos debrucemos sobre a compreensão dos mecanismos inconscientes que se interpõem entre o sujeito e a realidade, por meio da própria linguagem. Compreendemos, portanto, a partir da psicanálise, que não mais podemos tratar a questão da linguagem a não ser que consideremos também os atravessamentos inconscientes concernentes ao sujeito e sua realidade.

No intuito de compreendermos o papel dos diferentes jogos lingüísticos para a veiculação de conteúdos midiáticos na composição da fantasia ideológica, buscaremos apontar para o caráter essencial da apresentação do discurso científico-tecnológico como um dos principais elementos na composição dessa fantasia. A partir da crescente importância deste discurso para a indústria cultural, buscaremos abordá-lo na perspectiva de sua conversão em mito, pelo rito.

4. O RITO MIDIÁTICO E A CONSTRUÇÃO DO MITO CIENTÍFICO-TECNOLÓGICO

São muitos os indícios que apontam para a conversão do discurso científico-tecnológico em mito para o implemento de conteúdos ideológicos. Na programação midiática, a indústria cultural faz uso desta mitificação para o fomento daquilo que Horkheimer (2002) denominou racionalidade instrumental. Este conceito refere-se à promoção de uma ideia de racionalidade que se reduza um olhar puramente técnico e objetivo da realidade, o que impossibilita ao indivíduo uma percepção ampla e emancipatória.

Horkheimer utiliza-se deste conceito para denunciar que a grande cilada que esta modalidade de uso da razão implementa baseia-se justamente no fato de operar de modo inverso daquilo a que se propõe. Esta operação culmina na obstrução da razão por meio de sua conversão numa racionalidade instrumental, que passa a estar colada a um caráter estritamente utilitário, técnico, mercantil e destinado a fins. A partir deste conceito, a razão assume um sentido que orienta o indivíduo a um uso estritamente prático de suas capacidades intelectuais, restringindo sua capacidade de pensar e reprimindo as demais dimensões de sua sensibilidade (HORKHEIMER, 2002).

Através da divulgação massiva do discurso da ciência e da tecnologia sustentado pela indústria cultural por meio da televisão – principal retransmissora de conteúdos – observamos que a constância de seu emprego vem reforçar positivamente a racionalidade instrumental, o que pode ser percebido nos mais diversos estilos de programação. Este engessamento da razão pode ser percebido nos programas voltados para o público infantil, em novelas, filmes, programas de auditório e, sobretudo, no telejornalismo. Vale ressaltar que este último gênero, ao transmitir pretensas informações sobre fatos e acontecimentos, autoproclama-se como retransmissor da verdade sobre a realidade.

Tal mecanismo manipulatório pode ser detectado notadamente no modo como as programações midiáticas abrem mão do caráter localizado, restrito e, de certa forma, rigoroso do fazer científico na afirmação de suas teses. Este uso converte resultados de pesquisas científicas, sobretudo aqueles que priorizam procedimentos e inventos tecnológicos, em convites para que o receptor navegue num mundo de possibilidades (SIQUEIRA, 1999). Neste oceano de novidades, oferecem-se toda sorte de especulações sobre os temas mais polêmicos e paradigmáticos da realidade. Como assinala Siqueira:

(...) quando se trabalha com matérias televisivas sobre chuva ácida, poder nuclear, fertilização de mulheres idosas, dietas, medicina alternativa etc., está se tratando desses assuntos em um contexto cultural e não como conhecimento científico propriamente dito. Entende-se que a tarefa dessas matérias, desses fragmentos discursivos talvez seja familiarizar ou, como diz Bourdieu, criar “habitus”, que “ajudem” o indivíduo a compreender como usar e consumir novas tecnologias e produtos. Para que se efetue há o depoimento de especialistas sobre os assuntos tratados nos programas televisivos. (SIQUEIRA, 1999, p.53)

Os exemplos dessa transformação do discurso científico-tecnológico em mito podem ser facilmente visualizados, por exemplo, em programas voltados para o público

infanto-juvenil, onde observamos que a abordagem deste binômio vincula-se regularmente a forte apelo emotivo e fantasístico. Habitualmente vemos surgir à figura do cientista no estereótipo do homem do laboratório, sempre com respostas inusitadas para os problemas. Em outros momentos, a representação da tecnologia e da ciência surge a serviço dos heróis que utilizam de seus diversos recursos para salvar o planeta, mesclando-os com elementos de magias e/ou superpoderes (SIQUEIRA, 1999).

A manipulação mítica do discurso tecnológico não é muito diferente no jornalismo. Como lembra Siqueira (1999), é habitual no meio jornalístico a divulgação de informações tendenciosas e ficcionais sobre a tecnologia, o que se reafirma até mesmo na atualização permanente dos cenários, cada vez mais ancorados na tecnologia. Observamos, nesse caso, o uso constante de computadores e recursos audiovisuais sofisticados que auxiliam, assim, a criar a ilusão de uma ininterrupta revolução tecnológica em favor do progresso da humanidade.

Para Siqueira (1999), um dos exemplos mais característicos deste acontecimento é a tele-revista semanal da TV Globo, exibida aos domingos, o programa *Fantástico, o Show da Vida*. O programa intenciona parecer tecnológico e progressista desde sua vinheta de abertura, fazendo uso indiscriminado de imagens computadorizadas em seus conteúdos, sempre abordando temas sobre tecnologia e ciência por meio de reportagens breves e superficiais. O próprio nome já deixa implícito sua busca pelo elemento curioso da notícia, o que se explicita, por exemplo, em matérias como “a mochila voadora”, que apresenta um meio de transporte individual nos moldes de uma invenção sensacional, mas nada funcional e sem qualquer aplicabilidade. Tal uso da ciência e da tecnologia sintetiza bem o descompromisso do programa com o rigor científico e o apelo à fantasia de suas matérias (SIQUEIRA, 1999).

Como também assinalam Ribeiro e Botelho, em referência ao programa *Fantástico*:

É realmente ‘fantástica’ a capacidade desse programa em abordar permanentemente notícias que não são notícias, isto é, coisas que aconteceram de fato, mas sem importância relativa no contexto dos acontecimentos sociais, é a presença do *fait-divers*, que na televisão torna-se o próprio modelo de interpretação dos fatos. (RIBEIRO; BOTELHO, 1979, p.76)

Desta forma, é possível compreender porque a racionalidade instrumental segue sendo reafirmada por meio deste modelo de divulgação do discurso científico-tecnológico que, de modo intencional, reforça a conexão entre racionalidade e técnica, dando a entender que o progresso técnico seja “o” caminho de acesso ao desvelamento da realidade.

A apresentação da tecnologia nestes moldes pauta-sena definição de progresso técnico que, conforme descrito por Horkheimer ao cunhar o termo racionalidade instrumental, associa o saber da ciência e do cientista como o que detém as chaves que tiram o enigma do mundo. Tal noção de progresso e sua supervalorização surgem como premissa básica do ideário positivista, nascendo, portanto, com a própria Modernidade e convertendo-se rapidamente num de seus principais pilares:

Nesse momento, a noção de progresso encontra-se em nascimento e nada pode prever o moto-contínuo daí disparado, que será a locomotiva não apenas para as conquistas futuras, mas também estará na base de toda a escala de valores a ser cultuada pela civilização (...). A perda da autoridade e do caráter modelar do passado perante presente e futuro constitui o corolário da valorização crescente da ideia de progresso. (NOBRE, 2014, p.25)

Assim, a notável inversão da figura do cientista em mito no âmbito da televisão tem como recurso usual fazê-la aparecer em locais representativos e simbólicos, como laboratórios de experiências, consultórios e escritórios com grandes quantidades de livros ou aparatos tecnológicos. Este cenário contribui para fortalecer a ideia de que os cientistas seriam uma categoria de homens que, por “dominarem o conhecimento” sobre as coisas da realidade, são aqueles que pensam da “maneira correta” e tornam possível o progresso e o desenvolvimento da humanidade (SIQUEIRA, 1999).

Para Rubem Alves, as figuras da ciência e do cientista na televisão têm por função específica o desencadeamento de decisões e comportamentos. Para auferir este resultado, o aparato de marketing e propaganda lança mão de tais imagens para anunciar desde remédios a novas marcas de pasta de dente. Em suas palavras:

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam. (ALVES, 1981, p.11)

Porém, a aliança entre mito e o par ciência-tecnologia na indústria cultural possui ainda outro fator de fundamental importância a se levar em consideração. Não é apenas pela conversão deste binômio em mito que, operando como uma metáfora, faz com que representações sejam afirmadas e inconscientemente assimiladas em lugar da realidade ou coladas as ela. Há outro elemento indiscernível e complementar a esta elaboração mítica observada no aparato da televisão e que diz respeito à prática do mito: trata-se do rito.

Funcionando em uma estrutura cíclica, o rito tem por função precípua a atualização do mito que, por meio da repetição, opera na obstrução de um entendimento panorâmico, conforme proposto por Wittgenstein (1994), ou preenchendo as lacunas do simbólico com recurso à fantasia (ZIZEK, 1992). O artifício ininterrupto, repetitivo e, portanto, ritualizado, através do qual a televisão fragmenta a noção do tempo mantém uma percepção de continuidade estrutural por meio de sua programação (SIQUEIRA, 1999). Deste ponto de vista, poderíamos pensar o rito como a metonímia do discurso da racionalidade instrumental que, por meio da repetição, termina por tornar verdade aquilo que se naturaliza para o indivíduo, assumindo, inconscientemente, valor de realidade.

O rito é flagrante na forma como a televisão estrutura seus programas em matutinos, vespertinos e noturnos, divididos em blocos, capítulos, edições, demarcados por vinhetas de abertura, de entrada e de saída dos intervalos e de encerramento. Tais aspectos apontam para a existência de uma lógica fundamentalmente invisível, que se caracteriza pelo fato deste aparelho seguir, ele próprio, uma linha de produção, com um tempo de duração previsto para os programas e um mesmo agendamento diário ou semanal.

Esta lógica cadenciada em métrica e rima transforma os programas em um texto rotineiro e ritualizado, destinado a fazer com que, apesar da superficial aparência de mudança, o fundo ideológico permaneça inalterado no correr dos anos. Nas palavras de Adorno e Horkheimer:

Não somente os tipos de canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.103)

As séries ou novelas terminam, mas o horário permanece a ser preenchido pela próxima novela que, por sua vez, trabalhará os mesmos estereótipos. Há que se mencionar

que existem ainda aqueles programas que não envelhecem, como *Jornal Nacional*, *Domingão do Faustão* e *Fantástico*, o *Show da Vida* que, há décadas, terminam sempre com o mesmo “boa noite”, assemelhando-se à despedida dos familiares antes de dormir e que, no caso, acaba auxiliando a solidificar a ilusão de haver uma relação (SIQUEIRA, 1999).

Este mecanismo ilusório, ao empregar uma expressão linguageira, uma mera convenção de linguagem, encontra sua via de acesso ao telespectador por meio da fantasia: a fantasia de poder dormir tranqüilo, de fechar o ciclo da semana e retomá-lo na segunda-feira, de se identificar com as aflições da personagem, enfim, de encontrar a garantia de que “tudo funciona na mais perfeita ordem”. Ao que parece, no capitalismo tardio a televisão torna-se um eletrodoméstico onipresente em escala global, passando a ditar não somente o conteúdo, mas também o ritmo da vida social.

Para a compreensão deste processo em sua vinculação com a dimensão subjetiva inconsciente, parece mostrar-se fecunda a relação estabelecida por Lacan entre as figuras gramaticais da metáfora e da metonímia⁴, em seu emprego naturalizado na linguagem:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ele brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (LACAN, 1998, p.510)

Assim, por meio da estrutura simbólica inconsciente e da constituição de um vínculo fantasístico dos indivíduos com a televisão, vislumbramos o surgimento e a consolidação desse dispositivo ao qual Zizek (1992) denomina fantasia ideológica. A noção de falta-a-ser tem lugar central neste pensamento: a mesma operação que aliena o sujeito na linguagem e lhe retira o acesso imediato ao real causa o furo inaugural que engendra o desejo. Tendo o furo como motor, o desejo põe-se em marcha em seu incessante deslizamento metonímico, encontrando em seu caminho uma sorte de objetos que, como metáforas do objeto perdido, visam satisfazê-lo. Assim, a constante repetição do mesmo, veiculada pelo marketing e pela propaganda na indústria cultural, faz com que conteúdos

⁴Lacan relaciona os dois recursos lingüísticos, respectivamente aos mecanismos da condensação e deslocamento, descritos por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900) como os principais operadores no processo de formação onírica.

com substrato ideológico penetrem todos os poros da sociedade, conduzindo ao enfraquecimento da própria percepção da ideologia pelo sujeito. As coisas ficam tão opacas que possibilitam a instalação de um campo obscuro em que realidade e ideologia tornaram-se indiscerníveis.

Ao fazer franco uso da aptidão subjetiva aos eixos metafóricos e metonímicos inconscientes, a indústria cultural põe em ação seus conteúdos ideológicos pelo recurso estratégico do mito e do rito. Posto em ação, este ciclo corrobora a sustentação desse vínculo, na medida em que fornece elementos apaziguadores da angústia frente ao vazio inaugural do sujeito. Neste contexto, fica fortalecido o laço do sujeito com a ideologia, o que faz dele perene refém de uma lógica cada vez mais incapacitante no tocante ao discernimento sobre a realidade. Esta lógica encontra sua força na aparência de constante mudança que, a rigor, trata-se de uma diversificação metonímica dos meios de dizer sempre mais sobre o mesmo.

Assim, na associação dos recursos lingüísticos da metáfora e da metonímia às categorias mito e rito, a grade da ideologia efetiva-se também em termos simbólicos, assegurando a permanência do que deve conservar-se imutável, resguardada pela produção da aparência de mudança. A transmissão do mito no rito configura-se como uma mentira destinada a tornar o discurso científico-tecnológico um meio de inscrição dos sujeitos na fantasia ideológica. A fantasia de eterna mudança e de progresso, sustentada pelo avanço tecnológico ininterrupto, oculta seu inverso e “nos cega para o que permanece idêntico no interior dessa disseminação de multiplicidade” (SAFATLE, 2008, p.25).

Ao ser convertido como modalidade de discurso, evidencia-se porque a propagação do binômio ciência-tecnologia nos meios midiáticos revela-se eficaz no reforço da ideologia, ao invés de favorecer o esclarecimento. Afinal, o apelo mítico e estético com que estes temas são investidos tem por finalidade favorecer o encobrimento da realidade, impedindo o uso da razão de forma mais imediata.

No cerne de toda esta operação encontra-se o fortalecimento de um ideal de razão que, transformado por meio do aparato midiático, converte-se numa racionalidade instrumental tornada mito em sua própria essência. Agora mitificada, esta razão passa a ser utilizada como simples forma de espoliação útil e gratuita do mundo. Por meio de sua conversão, ocorre algo como uma asfixia da própria razão (HORKHEIMER, 2002).

A consequência última do uso do discurso científico-tecnológico como racionalidade instrumental é, portanto, a própria perda da autonomia no uso da razão, o que caracteriza a ideia de racionalidade como um modo de alienação e inscrição dos sujeitos na ideologia pela via da linguagem. A racionalização da técnica disseminada pela indústria cultural reforça uma fantástica do mundo científico-tecnológico, que dificulta possibilidades alternativas de compreensão da realidade.

O telespectador-consumidor torna-se prisioneiro da racionalidade instrumental que, ao invés de favorecê-lo no uso da razão, estimula-o à indolência, à inatividade e à delegação da capacidade de pensar. Ao invés do progresso, a estagnação ou o retrocesso; em lugar do esclarecimento, a alienação.

Tal situação leva à emergência de uma civilização que, como descreve Horkheimer (2002), chegou a uma dialética sem síntese, que vive da eterna contradição entre produtividade e destruição, dominação e progresso, prazer e infelicidade, racionalidade e ignorância. Com sua obstrução, a própria racionalidade converte-se em ideologia, perdendo a capacidade de oportunizar a síntese libertadora, que viabilizaria a passagem para uma sociedade esclarecida e emancipada. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985), evidencia-se, assim, a existência de uma cultura administrada que converte o esclarecimento em um modo de mistificação das massas.

Mas enquanto na realidade este colosso inconsciente que é o capitalismo sem sujeito leva a cabo cegamente a destruição, o desvario do sujeito rebelde espera dessa destruição sua realização e assim irradia para os homens tratados como coisas ao mesmo tempo sua frieza glacial e o amor pervertido que, no mundo das coisas, tomou o lugar do amor espontâneo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.94)

Uma vez que, ao invés da emancipação da razão este processo aponta para um crescente declínio da civilização, observamos passivamente sua entrada numa nova espécie de barbárie, em que se entende por razão uma razão que foge de si própria, de sua autoconsciência (HORKHEIMER, 2002). Ao demitirmo-nos da tarefa de buscar compreender a realidade, somos capturados pelo que Horkheimer denomina eclipse da razão, em que “a máquina expeliu o maquinista; está correndo cegamente no espaço” (2002, p.139).

Esta limitação das possibilidades do pensamento emancipatório por meio da linguagem é característica, por exemplo, da constante restrição, no capitalismo, ao acesso a bens culturais e educacionais não administrados, como aqueles próprios aos campos da filosofia, da poesia e da arte. Como aponta Badiou (2002), a linguagem do poema possui a peculiaridade de ser um exercício intransigente da língua, que sussurra uma verdade no mundo, um discurso independente das leis da gramática que, por si só, fura a ideologia e possibilita o livre pensar, tendo como característica auxiliar o desenvolvimento de uma percepção mais panorâmica da linguagem e da realidade. Esclarecendo sobre este potencial da poesia em formular diretrizes elevadas para o pensamento, assinala Badiou:

Todo sujeito é passível de ser atravessado pela letra, todo sujeito é transliterável. Essa seria minha definição da liberdade no pensamento, liberdade que é igualitária: um pensamento é livre quando é transliterado pelas letrinhas do matema, pelas letras misteriosas do poema, pelo levar as coisas ao pé da letra da política, e pelas letras da carta de amor. Para ser livre com respeito ao mistério nas letras, que é o poema, basta o leitor se dispor às operações do poema, dispor-se a elas literalmente. É preciso querer sua própria transliteração. (BADIOU, 2002, p.50)

Desse modo, operando pela linguagem a indústria cultural dissemina um falso otimismo que mascara o declínio da razão crítica e os sintomas de colapso da formação cultural, o que contribui sobremaneira para o avanço do domínio da lógica econômica sobre a totalidade da vida e favorece a incessante neutralização das formas alternativas de organização humana.

5. CONCLUSÃO

A lógica do mito e do rito, adaptada como meio de amenizar as frustrações cotidianas ligadas às péssimas condições sociais, políticas, econômicas e, especialmente, educacionais do sistema obscurece o fato de que se generaliza velozmente um modelo de educação cada vez mais danificado, destinado a produzir e reproduzir os efeitos contrários daquilo que o discurso científico-tecnológico sustenta e mimetiza.

A obtenção de uma visão panorâmica que garanta um entendimento não positivado e não normativo da linguagem, que restaure e instaure a capacidade crítica da razão em um lugar mais próximo do vazio parece favorecer o sujeito no rumo da travessia da fantasia ideológica.

Resulta que não basta tentar-se realizar qualquer crítica aos aparatos do capitalismo sem antes recriar o acesso a discursos que permitam uma tomada de distância segura da ideologia por meio da problematização dos usos da linguagem como veículo do inconsciente e de seus desdobramentos no campo da fantasia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. Tradução Gabriel Cohn. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p.346-354.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos de sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BENHABIB, Seyla. A crítica da razão instrumental. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.71-96.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO, Renato. A televisão segundo Adorno: o planejamento industrial do “espírito objetivo”. In: DURÃO, Fábio; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre (Org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008, p.111-122.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 5.

HACKER, P.M.S. **Wittgenstein**: sobre a natureza humana. Tradução João Vergílio Gallenari Cuter. São Paulo: Unesp, 2000.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Versão M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.496-533.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NOBRE, Márcio. **Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade**: um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço. Curitiba: CRV, 2014.

RIBEIRO, Santuza; BOTELHO, Isaura. Show: a coreografia do milagre. In: CARVALHO, Elizabeth et al. **Anos 70 – televisão**. Rio de Janeiro: Europa, 1979.

SAFATLE, Vladimir. Por uma crítica da economia libidinal. **Ide**, São Paulo, v.31, n.46, jun.16-26, 2008.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A ciência na televisão**: mito, ritual e espetáculo. São Paulo: Annablume, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução José Arthur Giannotti. São Paulo: EDUSP, 1968.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: O sublime objeto da ideologia. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ZIZEK, Slavoj. Introdução – O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.07-38.

ZIZEK, Slavoj; DALY, Glyn. **Arriscar o impossível**: Conversas com Slavoj Zizek. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.